

DNGENTE

### Mulheres conquistam boinas verdes

Por: Alexandra Machado - 18 de Agosto de 2007

Maria Arminda Pereira, Maria Zulmira André, Maria do Céu Policarpo, Maria Ivone Reis, Maria de Lurdes Rodrigues e Maria Nazaré Mascaranhas. Estes seis nomes ficarão para sempre na história militar portuguesa. No dia 8 de Agosto de 1961, as seis "Marias" - segundo o DN do dia seguinte foram sete, mas nos vários relatos sobre as pioneiras são apenas mencionadas seis - receberiam o brevet de pára-quedistas, os primeiros da Força Aérea Portuguesa para mulheres. Eram todas "Marias" e enfermeiras, que ficariam na história, pelos serviços prestados além-fronteiras no auxílio aos militares destacados em missões bélicas no Ultramar. O Diário de Notícias de 9 de Agosto de 1961 relatava o salto das enfermeiras, que lhes permitiu receber, em terra, os respectivos brevets na Base Aérea n.º 3 em Tancos.

"Corpos deformados pelo equipamento, o capacete e o protector do queixo já colocados, os pára-quedistas - homens e mulheres - sentaram-se nos bancos laterais que correm ao longo da fuselagem do aparelho" [um Junker, para transporte de tropas], descrevia-se no DN. O céu estava cinzento e chuvoso, mas as Marias não tinham medo. Até que chegou a altura do salto. "Da porta do lançamento, o capitão Fausto Marques, director do curso, interrompeu-nos ao gritar as primeiras ordens: - Preparar! Levantar! Verificar equipamentos!... Pé esquerdo em frente e cadência rápida, avisou ainda. Todos se levantaram e prenderam os tirantes de lona dos pára-quedas ao cabo de aço, firmemente esticado a todo o comprimento do aparelho. Feita uma inspecção rápida, a espera continuou. No entanto, só por alguns minutos mais..." Passado pouco tempo, "pára-quedistas masculinos e femininos atiraram-se no espaço, em ritmo verdadeiramente diabólico". Salto bem sucedido. As boinas verdes seriam entregues. "A primeira, a Maria Arminda, recebeu-a das mãos da senhora de Kaulza de Arriaga". O então secretário de Estado da Aeronáutica não pôde estar presente, "por fortes motivos".

Coube, pois, a Mário Robalo, major e comandante interino da unidade, o discurso da ocasião. "Esta cerimónia, por simples que seja, traduz mais uma vitória na série já longa de batalhas travadas e ganhas dentro daquela luta a que o sr. secretário de Estado da Aeronáutica inteiramente se dedicou, para maior prestígio, grandeza e eficiência da nossa Força Aérea (...). Para vós, enfermeiras pára-quedistas as minhas sinceras felicitações (...). É um curso diferente de todos os anteriores, é um curso que marca, pela primeira vez na nossa história, o acesso da mulher portuguesa às funções militares, com todos os seus direitos e, principalmente, com todos os seus deveres e sacrifícios". Além de que este

## **“Mulheres conquistam boinas verdes”, por Alexandra Machado**

---

curso, continuou o major, "mostra-nos que é possível a convivência, a vida em comum, lado a lado, dentro das unidades de elementos militares femininos e masculinos, sem que por esse facto se percam os sentimentos da dignidade e do respeito mútuo, que são apanágio dos povos civilizados". O aviso chegava depois: "Sei que a vossa vida não vai ser fácil. Mas a coragem, a determinação, a força de ânimo de que já deram provas durante o curso é penhor seguro de que, quaisquer que sejam as missões, e em qualquer circunstância, essas missões serão inteiramente levadas a cabo com a satisfação de quem cumpre um imperativo de consciência e de quem não trai a confiança que em si foi depositada". Além das cinco "Marias", que foram promovidas a alferes (com excepção de Maria de Lurdes, que passou a primeiro-sargento), mais duas mulheres receberam o brevet, embora não tenham saltado nesse dia, porque se encontravam lesionadas. Mais duas "Marias": Maria Nazaré e Maria Irene.

Tudo começou em Março de 1961, quando a Força Aérea abriu concurso para enfermeiras voluntárias, com experiência. Chegaram 11 voluntárias, seis (segundo os relatos que perduraram, não incluindo Maria Ivone) acabaram o curso. De 1961 a 1974, realizaram-se nove cursos de pára-quedismo para enfermeiras, conseguindo o brevet 48 mulheres das 150 candidatas. Foram para zonas de guerra ao longo de 13 anos e apenas duas baixas: Maria Celeste morreu na Guiné em missão e Maria Cristina foi ferida no Norte de Moçambique. "A nossa vida era muito dura", relatou, em tempos, Maria Ivone, acrescentando que "nunca sabíamos onde acordávamos, nem quando é que íamos dormir, nem onde estávamos". Das "seis" pioneiras, apenas uma já faleceu, em Lisboa de cancro em 1984.

A primeira unidade de pára-quedistas das Forças Armadas Portuguesas foi apresentada em Agosto de 1955, tendo sido necessário esperar mais seis anos até que houvesse, pela primeira vez, mulheres ao serviço desta unidade que, não obstante, foi a primeira força militar a integrar elementos femininos. Isabel Rilvas foi essencial para a formação de mulheres pára-quedistas. Ela própria foi a primeira portuguesa a ter um brevet, tirado em França em 1956. Um ano depois realizava o primeiro salto em Tancos. Também Isabel Rilvas estudou na Escola de Enfermagem das Franciscanas Missionárias de Maria, a mesma de cinco das seis "Marias". Isabel Rilvas fecha-se agora no anonimato, preferindo realçar o papel das enfermeiras que foram para o palco de guerra.

Fonte: [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=663250](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=663250)